

RELIGIAO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSAVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 12

QUINTA FEIRA 15 DE JANEIRO DE 1863

1.ª SERIE.

EXPEDIENTE.

A administração d'este periodico participa aos srs. assignantes, que d'hoje em diante podem mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de fóra do concelho o poder fazel-o por vales do correio.

GUIMARÃES 7 DE JANEIRO.

A revolução «não cança. Trabalha sempre segundo a palavra de um de seus filhos — Edgar Quinet — o qual diz assim: *E' necessario que o catholicismo acabe. Nada de treguas com o injusto!*» Trabalha sempre, não com o seu programma, não com as suas idéas... mas em nome dos principios liberaes que ella invoca para prejudicar.

A revolução «conhece que não ha erro que possa subsistir, sendo claramente enunciado, e porisso tem sempre o maior cuidado em occultar» sob os bellos nomes de liberdade, de igualdade e de fraternidade as suas doutrinas de escravidão, de desterro, de punhal, de veneno, de roubo, de extermínio, de bombas á Orsini etc. e o caso é que o seu systema de occultar e de disfarçar «corre já tão generalisado, que os menos «conspicuos o apostulam com grande aproveitamento» seu.

«E' um tributo forçado que os amigos» da desordem, da destruição e da anarchia, «pagam aos principios da liberdade, mas é um tributo perigoso para os que o reputarem prestado pela espontaneidade do sentimento.»

A revolução «faz o elogio da liberdade, como a hypocrisia faz o panegyrico dos costumes.

«Se os» revolucionarios «não sentissem que] o paiz ama a liberdade, que a deseja, que a defende, que pugnará sempre pelos seus principios, certo que não estariam de continuo a invocar os seus preceitos e doutrinas.

«Mas convem não os crer, como convem desprezar os hypocritas. Não podemos conhecer acabadamente o homem pelo que elle diz. — Devemos avaliar-o pelo que elle faz.

«Não basta invocar uma idéa, um principio, ou um mandamento. E' necessario mais. Urge que a invocação se allie á pureza dos sentimentos e á determinação da vontade. Urge avaliar em factos as tendencias e inclinações dos individuos, como dos partidos».

A revolução «afivela a mascara, compõe o porte, ageita os modos, reprime as tendencias, disfarça-se enfim por que sabe que á luz clara» do bom senso, no meio d'este povo de Portugal, que não está resolvido, em nome de um falso progresso e de uma falsa illustração que lhe deve custar as ultimas gotas de seu suor e talvez sua independencia politica e seu nome de nação, a prescindir de suas crenças religiosas,

e do nome glorioso que lhe legaram as virtudes de seus antepassados — a revolução; diziamos, compõe o porte, ageita os modos, disfarça-se enfim, por que sabe que a fealdade de suas feições, a soberbia de seus costumes, a violencia de seu caracter, a crueldade de seus instinctos não grangearia uma sympathia unica, e ella assim, na deformidade da sua natureza real, «teria de succumbir esmagada pelo desprezo e pelo ridiculo.

«Tambem o hypocrita se contrafaz inteiro, como quem sabe que o conhecimento dos seus costumes e caracter serviria a jeans para a sua perda irreversivel.

«Quanto tempo viveria» a revolução «se ella mostrasse ao paiz o sentimento que lhe envenena os instinctos?»

«Quanto tempo usufruiria o hypocrita creditos de homem serio se a sociedade possesse penetrar as torpezas que se lhe agitam no interior?»

«E' intuitivo que» a revolução «tem necessidade de se mostrar liberal para poder conseguir os seus fins, como é certo que todas as demasias, todas as violencias e todos os crimes necessitam um véo que os antepare».

A revolução viveu e vive ha muitos annos «não em nome de suas crueldades e atrocidades, mas em nome da religião christã e da liberdade «e quando mesmo» na Inglaterra, pelo decurso de quasi todo o seculo 16.º e 17.º, decidia que os titulos de nobreza e as grandes propriedades eram uma impia usurpação; quando procedia pelo ferro e pelo fogo á extirpação d'esta impiedade, e se apoderava dos bens alheios; quando o revolucionario João de Leyde caminhava á frente de uma população fanatica, surprehendia a cidade de Munster, e se apossava de 14 mulheres, assegurando que a polygamia era uma das liberdades christãs; quando uma multidão de fanaticos se sublevava, sustentando vigorosamente que convinha abolir o sacerdocio e a dignidade real, pois que os padres eram os servos de Satanaz, e os reis emissarios da prostituta Babilonia, e que a existencia de uns e de outros era incompativel com o reinado do Redemptor; quando esta multidão de fanaticos revolucionarios condemnava a sciencia como uma invenção pagã, e as universidades como seminarios de impiedade anti-christã; quando o bispo e o rei longe de serem protegidos, um pela santidade de seu ministerio e o outro pela magestade do throno, eram, pelo contrario, objecto de odio e de desprezo, e implacavelmente decapitados pelo fanatismo revolucionario; em uma palavra, quando a revolução tramava conspirações, trações e proscriptões; quando invadia, queimava, roubava e assassinava «os filhos de J. C., invocava os mandamentos de sua doutrina sacrosanta!!!

«A hypocrisia tem vivido sempre, não em nome de suas malevolencias e demasias, mas em nome da honestidade e da virtude, e, quando mesmo conspurca os creditos alheios e holocausta a honra dos seus adversarios... invoca sempre a pratica dos costumes saos».

Mais tarde, pelos fins do seculo 18.º, o espirito revolucionario que tão medonho se tinha mostrado na Inglaterra, proclama o atheismo em França, queima as bibliotecas, fecha as egrejas, despedaça as imagens sagradas, cobre J. C. de injurias, e faz a apologia do melhometismo; decreta o cuto da razão, divisa a devassidão e o martirio, ergue estatuas a Marat, derruba e calca as de Nossa Senhora, e vai buscar aos prostibulos as sacerdotisas da razão diante das quaes se curta reverent, conduz aos campos para a

praça de Greve as victimas da guilhotina, ceva-se no sangue do rei e dos filhos da França, e assassina o proprio Robespierre quando este, espantado pela multidão dos crimes que a torrente da revolução havia produzido, se fez reaccionario, appellando para a probidade, para os sentimentos generosos, para a virtude, e atrevendo-se a dizer que a morte não era um somno eterno mas o começo da immortalidade.

Em uma palavra, a revolução apresentava diante da Europa assombrada, o espectáculo do inferno e apresentava-o em nome da liberdade!

Mais tarde no meio do seculo 19.º, o genio da revolução que trabalha sempre ameaça de morte os reis da Europa, desterra o summo Pontifice, apunhala o seu ministro, persegue o clero, delapida, mata, extermína, protesta dar cabo da reacção (do catholicismo) etc. etc. etc. e faz tudo isto em nome da liberdade!!!

A revolução «tem vivido, e viverá por largo tempo talvez, não em nome das suas tendencias de destruição, de selvageria, de atheismo, «não em nome de suas machinações de anarchia, não em nome» das crueldades e dissoluções do paganismo «que deseja, «não em nome das desordens que constantemente «promove, mas em nome da liberdade, em nome dos principios seguros de ordem publica, em nome da instrucção popular, em nome do progresso moral e material que só invoca para um dia poder esmagar...»

«E' necessario dizer isto ao paiz, por que é indispensavel discriminar o justo do injusto, não pelo que se nos representa á primeira vista, mas pelo que a analyse imparcial dos factos apurar no cadinho de um raciocinio claro.

«Escrevemos n'uma provincia que» apesar de ser eminentemente religiosa, não está livre, de ser iludida pela malicia dos revolucionarios hypocritas que sabem mudar de aspecto quando lhes convem.

O genio da revolução essencialmente desordeiro o destruidor soprará e applaudirá em toda a parte a desordem e as revoltas do povo a quem chama soberano para o fazer activo e ingovernavel, e a quem faz activo e ingovernavel para o fazer instrumento de seus crimes e para depois desprezar, empobrecer e fuzilar; mas n'uma provincia como esta fiel ao seu credo, pacifica e distincta por sua religiosidade e bons costumes, apparecerá por vezes o genio da revolução enfeitado de christianismo e de zelo pela ordem e pelo bem commum, e lamuriando sobre as perturbações populares que são seu proprio fructo, virá, por um requinte de perversidade hypocrita, calunniando á direita e á esquerda, atirar-se contra a reacção (do bem contra o mal — unica reacção que elle abomina porque não deixa ir tudo pelos ares) e accusar-a culpada d'essas perturbações!...

«Que as lições do passado sirvam de exemplo para o futuro»!

Que ninguem se illuda com as lamurias «e declamações dos hypocritas» revolucionarios que chamam ladrão ao povo, quando elle exalta pacifica e solememente a sua religião perseguida, e que, por outra parte, lhe armam laços, para o desviarem de quem «lhe falla em moralidade» e de quem o conduz para o bem.

Que o povo não deserte do «sagrado estandarte da cruz» que o resgata e liberta, para ir alistarse debaixo da bandeira revolucionaria de Satanaz que o escravisa e assassina.

«Attenda bem o povo — que os» revolucionarios hypocritas, são como o lobo da Fábula que im-

putava seus próprios delictos ao cordeiro e recorria a falsissimos pretextos e a vergonhosissimas calumnias para devoral-o.

Elles não-de fallar-lhe varias vezes do «povo li-vre arrastado ao commettimento dos maiores crimes» pelas predicas e declamações dos hypocritas e reac-cionarios — não-de fallar-lhe de «cofres roubados e «de irmãos assassinados aos gritos de viva a religião» não-de juntar a estes suppostos acontecimentos a hypo-crisia perliida e vilissima de sua magoa; não-de men-tir sem pejo e sem respeito diante do paiz que dese-jam illudir e perverter, e não-de fazer tudo isto no intuito de tirar a causa da religião os que se quizerem collocar da parte d'ella.

Desgracado paiz, se elles podessem realizar tão tenebroso plano!

«Atenda bem o povo — que» os revolucionarios hypocritas ou não hypocritas «são os seus amigos ini-migos.»

Bem quizeramos nós que a mentira não andas-se tão disfarçada em um século que se chama de il-lustração; bem desejamos que a verdade fosse mais presenteira, e se mostrasse aos nossos bachareis pir-rhonicos com todos os seus atractivos: porem a ver-dade requer boa fé, e os homens não a comprehendem.

Quasi todos a-buscam, quasi todos perguntam aonde está este mimo do Ceo, que gera na terra a ventura dos povos: mas se quasi todos perguntam aon-de reside a verdade, é signal de que poucos a tem encontrado.

E com effeito a verdade parece ser a partilha de poucos — ella se dá ao menor numero. Assim pois Deus cega aquelles a quem tem destinado perder pre-vento a sua obstinação.

Quizeramos fugir de tomar parte no pleito d'es-ses dois partidos que á nossa frente se agitam; qui-s-ramos não desafiar esse mau humor que caracte-risa os adversarios do sacerdocio dos nossos dias; mas, como diz um escriptor decente, os inimigos da fé não precisam de ser desafiados, elles estão sempre em campo hostil para atirarem com as balas do seu desprezo contra os defensores da Religião e da igreja! Demais uma vós imperiosa nos desperta dizendo-nos — quem não é por mim é contra mim; e esta é a vós da verdade que respeitamos e tememos. E' por isso pois que não podemos deixar passar, sem algumas suc-cintas observações, essa miscellanea que os pharmaco-peas da escola secreta habilmente tem preparado para fundirem no chaos as nossas ideias e costumes reli-giosos.

Estes nossos politicos sem experiencia, fazem-se adulares dos povos para obterem as palmas das pra-ças; e ao passo que compromettem a sua propria cons-ciencia, faltando quasi sempre á verdade, compromet-tem igualmente a paz e a felicidade dos povos de quem de balde se inculcam defensores.

Apostatas por capricho chegam a tornar respon-savel — a religião de J. C. — pelas desordens, rou-bos, e assassínios que são obra dos seus adeptos: ini-migos ligadas da igreja que os exhorta e chama, per-tendem arrastal-a ao tribunal da razão e do orgulho, e a pretexto de reformarem abusos, projectam uma igreja laical — sem quererem lembrar-se que met-tendo a fouce em seara alheia, elles mesmos praticão ou auxilião o maior dos abusos.

Mas como o que se deseja conseguir são os fins, quaesquer faltas que se dêem nos meios ficam bem suppridas com dois dictos galhofeiros de que os nos-sos illuminados têm grande provimento. — Avante: em-pregue-se tudo o que poder servir para lisongear as paixões, e para dar ao homem o caracter de livre pen-sador. Diga-se que o povo está bastante civilisa-lo pa-ra se não deixar illudir pelos embustes do padre — que já passaram esses tempos de estupidez, e obscu-rantismo em que o povo cria a olhos fechados; e o povo não deixa de aceitar com reconhecimento estas bajulações. E passando-se ligeiro por cima de qualquer antinomia ou contradição — appareçam os queixumes da saudade pelos tempos de fé e abnegação em que o padre no meio das massas, e o religioso no recinto do seu claustro eram o ornamento da religião augusta de J. C.: mas hoje que são os padres? — dizem estes fa-rizeus — e é para fazer descarregar o golpe do seu desprezo sobre o sacerdocio dos nossos dias que se

fazem recordar as virtudes de longinquas eras; é para desconceituarem os nossos padres que se vai buscar uma anecdota — um ou outro facto que possa interessar ao leitor, e dar alguma força á maligna e astuciosa de-clamação. — Venha pois á scena essa historia de um protestante, que, segundo nos dizem, se converteu á religião christã raciocinando assim — A religião que de dia em dia conquista novos corações, que cresce, e se amplia cada vez mais, que se sustenta e domina apesar da licença de muitos de seus sacerdotes, não pode deixar de ser a unica verdadeira... Para não faltar o acipice da ironia dizem os nossos criticos, n'este ponto elle pensou melhor do que Victor Hugo!

Bem desejamos nós poder louvar o zelo que affectam os criticos do nosso século, pela pureza de costumes, e exaltação do evangelho; bem quizeramos podel-os acreditar por escriptores de boa fé nas suas repetidas declamações contra o sacerdocio dos nossos dias; bem quizeramos que as suas virtudes nos ser-vissem de pharol na carreira da nossa vida; mas quem não persente que n'és a mesma apreciação que fingem dar aos homens cheios de fé que nos precederam, não revelam outro fim que não seja o desconceituar a missão dos nossos padres, taxando de fanaticas a todas aquellas pessoas que a escutam, e abraçam?

Sabemos nós que houveram tempos felizes em que o cura na sua aldeia, e o religioso no seu claustro eram uns verdadeiros apóstolos da doutrina santa; mas não eram só estes que guardavam a fé dentro do peito, muita gente de todas as classes, e não só es-particulares dentro das suas casas, e nas igrejas das suas parochias, mas também muitos potentados da terra fizeram a sua profissão de obediencia e respeito á igreja. Era então um tempo de paz, e se apparecia uma apostata como Porfirio, apparecia tambem um imperador ou rei como Constantino, reprovando os erros, e desterrando os seus auctores. Se'em 1560 appareceu um fiscal ou advogado regio que nos estados ge-raes, congregados em Angers, se atreveu a dizer que «os reis e principes christãos tinham o poder de esta-belecer, ordenar e reformar no tocante á policia e dis-ciplina sacerdotal» — tambem appareceu logo a uni-versidade de Pariz, qualificando esta proposição de falsa scismatica, heretica e destructiva da auctoridade ecclesiastica.

Estes factos e estas considerações não servem para hoje — para um século de orgulho em que todos que-rem dar leis, e poucos ha que as queiram receber. E' necessario que se diga, e escreva tudo o que é mau, e que possa desabular os povos, e se occulte aquillo que os pôde prevenir contra a philosophia traçoieira dos nossos dias. E' por isso que essa historia de um protestante se julgou a proposito, e se explicou em logar d'essa outra do auctor do livro «L'esprit», que escrevendo em todo o tempo da sua vida a favor da sua philosophia, como philosopho que era, e magnifico corifeu, foi visto e ouvido á hora da morte amaldiçoar a sua philosophia, e não pôde descansar até que cha-mou um padre catholico, detestou os seus erros e mor-reu em paz — que é esta a sorte do peccador arre-pendido. Este, dizemos nós, crendo na missão do pa-dre, pensou melhor do que Cavour, e José Estevão.

Mas os nossos novos bachareis, como chamou Bergier aos criticos do seu tempo, mais sabios no mal tem aprendido a justificar-o; semelhantes aos farizeus mais culpados que os verdugosahi andam cimentan-do a discórdia, tomando umas vezes o tom de um ve-lho melancolico, outras de poeta satyrico, minando o edificio religioso, destruindo o uso das praticas dou-trinaes, e assassinando o credito do nosso clero. Com a escola de mr. Freret querem fazer persuadir o mun-do de que atacando a religião catholica nos seus ministros não levam outro fim do que fazer-lhe serviços!

E acaso, dizemos nós, estará o povo bastantemen-te civilisado, terá a illustração precisa para que se não deixe illudir pelas trapaças dos nossos criticos? Cre-mos que não: os seus textos, as suas anecdotas são li-das sem critica, e produzem o effeito que elles dese-jam. Uma passagem deslocada da escriptura, ou dos santos padres, uma palavra substituida por outra, que mais convenha, são indicios de talento ou faltas de pou-ca consideração; e é por isso que, segundo creio, a palavra — sacerdotes — na anecdota do protestante aci-ma referida, foi pelo historiador substituida á outra de catholicos ou christãos: cremos que são estas as palavras que se acham escriptas na historia a que se allude. Assim o julgamos ter lido.

Mas como quer que seja, o nosso fim é prevenir a mocidade inexperiente da má fé com que se está escre-vendo, e o iremos mostrando como e quando convier.

...

Lendo em alguns jornaes do paiz a descripção das *exequias* maçonicas feitas pela alma do snr. José Estevão, acabamos de convencer-nos de que a maçonaria não aspira somente á regeneração politica; dispõe-se tambem á reforma religiosa, não tem só por fim dar a liberdade civil aos povos, emancipal-os de seus senhores, defendel-os contra o despotismo dos reis, contra a tyrannia dos grandes e dos padres, (como por ahi nos contam); tem outro fim, que é libertar o povo do *pesado jugo* da sua fé, do *fanatismo* de suas cre-nças, sujeitando-o a um só rito, a uma só religião que nos parece o judaismo, não é emfim uma sociedade unicamente politica, é tambem a seu modo uma socie-dade religiosa. Assim se deprehende das suas *exequias*. A maçonaria tem o seu *templo* em que se reune para fins ou actos *religiosos* tem um *ritual* que prescreve as ceremonias d'aquelles actos, tem o seu simbolo de fé, tem um culto proprio.

Tinha-se, pois, enganado a si e aos seus leitores uma folha da capital quando disse que na *maçonaria se admite a liberdade de culto e de consciencia!!*

O collega não advertiu que se a maçonaria fosse unicamente uma associação politica, não se reuniria em communidade para praticar actos *religiosos* dentro do seu *templo*, e sendo uma sociedade religiosa, não podemos acreditar que haja liberdade de culto aonde ha um ritual preceptivo de ceremonias proprias da sua religião. Os factos comprovam o que dizemos.

Alli, no templo maçonico, não se permittiu que cada um dos mações *suffragasse* a alma do snr. José Estevão segundo a sua religião, mas todos se porta-ram n'aquelle acto em conformidade com o ritual da ordem. Alli não se invocou o nome de Christo, de Ma-phoma, ou de Jupiter, não figurava nem a cruz nem o crescente, nem simbolo de religião alguma, (a não ser a maçonica) prova incontestavel de que os indivi-duos que alli eram presentes de espadas e aventaes, renunciaram sua fé, abjuraram a sua religião para abraçarem esse ridiculo simulacro do culto judaico.

Agora explica-se muito bem a perseguição que por toda a parte se faz á igreja de J. Christo, ora contra a doutrina, ora contra os sacramentos, ora con-tra o Papa, contra as ordens religiosas, e finalmente contra o clero.

A maçonaria não conhece outro Deus que o Pai, não crê em J. Christo e portanto na redempção, e d'ahi na igreja. E' este o jugo que pretende sacudir, é a liberdade a que aspira.

(A PEDIDO)

MEMORANDUM!

SOBRE

O asylo de Santa Estephania — Amor de Deus e do Proximo.

Tempos de saudosas recordações que deixaram na luz historia, apoz reluzentes folhas douradas, lu-ctuosas paginas baptisadas com lagrimas, com aquellas lagrimas, que se vertem ao pé do tumulo, veem hoje recordar-nos factos que nos ficaram gravados para nos encher de ternas e saudosas recordações!

Corria o mez de maio de 1858, quando via Lizia em seu throno a perola dos reis, cujo nome basta para fazer o seu elogio — D. Pedro V! — Este joven e excelso Monarcha, recebia á face de Deus e dos ho-mens a Esposa virtuosa, e digna d'elle, a Senhora D. Estephania, de saudosa memoria!

Os vimaranenses, por esta occasião querendo dar mostras do seu regozijo por tão fausto aconteci-mento, deram um baile no palacete dos Pombais, e ahi houve quem se lembrasse de perpetuar a memo-ria de tão fausto dia, creando-se uma caza pia que são os verdadeiros monumentos, que eternizam um nome e uma epoca.

Um azylo de infancia desvalida, debaixo do me-me de — Santa Estephania, amor de Deus e do pro-ximo — foi a idea que vogou, e logo foi creada uma commissão para realizar tão sancto pensamento.

Esta idia, este empenho pertenceu ao sr. Francisco Antonio de Almeida.

Não poupando trabalhos, desgostos e até humilhações porque passou, o sr. Francisco Antonio de Almeida triumphou dos azares e obstaculos, sem já-mais vacilar no desempenho da missão de que se encarregou! O sr. Almeida sobrecarrega seus hombros com todo o peso do madeiro da cruz, e não teme espinhos nem cardos de que vê juncada a estrada de seus trabalhos!

Elle sente uma voz conscienciosa dizer-lhe — Caminhar, caminhar, que depois do Calvario, lá está a gloria!

Quatro annos tem decorrido, e vagarosos correm tambem os trabalhos. Mas ao sr. Almeida não se lhe extenuam as forças, nem se lhe cerram os horizontes da esperanza! Não succumbe, antes encara todos os obstaculos com aquella firmeza de caracter de que é dotado!

Houve uma creatura que na hora extrema de seu passamento, lembrou-se do asylo ainda em projecto, e testou-lhe uma pequena quantia, mas que muito aproveitou.

Esta acção generosa é mais um estímulo que faz proseguir o sr. Almeida nos seus escabrosos trabalhos. Encontra a primeira difficuldade: é o conseguimento do convento do Carmo, que estava em poder do ministerio da guerra, d'onde havia grande difficuldade em tirá-lo.

Não é isto bastante para desanimar o sr. Almeida. Eil-o de novo a braços com a sua cruz, e encontra então um cyrâneo que lh'a ampara!

É este o nobre visconde de Pindella, esse cava-lheiro, a quem tanto a pátria natal deve! O sr. Visconde de Pindella toma sobre si a responsabilidade de conseguir o convento do Carmo para tão justo fim, e faz-lhe propriedade do asylo: e conseguiu-o! — Eis o primeiro triumpho, a primeira gloria para a coroa de martyrios de que o sr. Almeida tem cingida a fronte!

Em Maio d'este anno, tivemos a feliz lembrança de promover um bazar de prendas em beneficio d'este asylo; a convite nosso e de nossos companheiros accetou de bom grado o sr. Almeida o lugar de Thesoureiro da commissão eleita entre nós, e foi elle o primeiro a encetar estes trabalhos. Finda esta tarefa o sr. Almeida, mal limpo ainda o suor, volta ás lides que já d'ante mão tinha encetado! E não descança, e não esmorece, e não desanima! . . . E parece, e nós crêmos que o dedo da Providencia laurca sempre estes esforços e consumições, porque vemos que entre todas as difficuldades, que se têm opposto aos designios do sr. Almeida, não ha uma só que elle não vença, que não tenha em cada martyrio, um louro e uma grinalda! — Caminhar, caminhar, que depois do Calvario está a gloria! —

É este um dever da imprensa — registrar as acções nobres, generosas e humanitarias —. Sahiram-nos espontaneas estas linhas; é este e nosso verdadeiro sentir, é esta a verdade que a consciencia dictou e que o punho escreve sem bellezas de estylo, que mais bello que tudo é o assumpto de que nos occupamos.

Breve está para chegar o dia do novo bazar, para cujos trabalhos está encarregada a Commissão composta dos ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. D. João Peixoto da Silva, Joaquim José Teixeira de Queiroz, Gaspar de Freitas Pinto do Amaral, Antonio Augusto Vaz Vieira, e Antonio Joaquim d'Ega e Leiva.

Temos fé que não pouparão esforços para desempenhar a missão de que se encarregaram; sancta pelo pensamento e humanitaria pelo fim a que é applicada.

V. M. DE SA' JUNIOR.

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

Temos a satisfação de annunciar aos nossos leitores que Roma, a capital do mundo catholico, goza

tranquilidade e socego, graças ao governo paternal de Pio 9.^o e á dedicacão e amor de seus subditos.

Para que se possa avaliar melhor esta noticia, veja-se o que se lê em o *Bem Publico* de 26 extrahido d'um jornal estrangeiro :

«Conta-se que o novo embaixador (duque de Saldanha) se comovera muito com o espectáculo desta estrondosa manifestação popular; e que não podera conter o seu desgosto para com a imprensa do seu paiz, que lhe tinha sempre apresentado o Papa como impopular, e as manifestações como organisadas pela policia. Ao ver tudo o que a sociedade romana e a sociedade estrangeira conta de mais distincto entregar-se ao transportes de verdadeira ternura, ouvindo os clamores das mulheres mais elegantes, as milhares de vozes do povo, e a expansão de tantos corações que se apossa dos proprios inimigos, era difficil ao representante de Portugal recusar sua admiracão a este espectáculo, e não tirar d'elle conclusões, de que seria bem bom que o seu governo soubesse aproveitar-se.»

O estado de Napoles é assustador. O «Diario do Povo» de 9 transcrevendo uma correspondencia de Napoles publicado na «União» diz :

«Hontem á noite durante a representação no theatro de S. Carlos, reuniram-se alguns individuos em um camarote com o intuito de patearem o espectáculo, para, aproveitando-se do barulho e da confusão, lançarem á plateia algum retrato de Garibaldi.

Nesta occasião muitos estudantes pediram altos gritos o hymno do mesmo general, fazendo grande gritaria; a autoridade competente, vendo esta de sordem, mandou suspender o espectáculo, em vista do que os estudantes sahiram immediatamente do theatro, e seguiram pela rua de Toledo cantando sempre o mesmo hymno; porém, chegando á praça da Caridade, retiraram-se pácificamente para suas casas em consequencia das admoestações que lhes foram feitas por algumas patrulhas da guarda nacional.

Mas não obstante esta circumstancia, os tres que principiam a desordem, deitando diferentes papéis para a plateia, foram presos; o socego não foi alterado, pois o resto da população conservou-se tranquilla, porque desaprova estes excessos,

A isto acrescenta o mesmo jornal, dizendo que o gabinete de Turin está muito receoso em vista de certos rumores, que circulam a respeito de Garibaldi, que, segundo se julga, prepara nova expedição, por cuja razão a imprensa de Turin diz que a população de Napoles reprova taes excessos, temendo bastante a influencia de Mazzini e Garibaldi.

A guarda municipal de Pouzsoles veio para Napoles a titulo de dar um passeio militar e fazer alguns exercicios, mas a verdadeira causa não foi essa e sim a de se receiar d'ella, por ser muito affecta á politica Mazzinista.

Todas estas circumstancias são o indicio de grandes e gravissimos acontecimentos que se preparam na Italia.

Fallando a respeito de Turin diz o que se segue :

O parlamento recusou entrar em discussão sobre a proposta de Mr. Bertani, na qual declarava que a prisão de qualquer deputação não se devia tomar senão como uma offensa feita á soberania popular do parlamento.

Quanto ao estado financeiro do Piemonte, não pode ser mais desgraçado. O *deficit* augmenta de uma maneira rapida e assustadora; os impostos não se recebem; as despesas cada vez são maiores, os bens nacionaes estão vendidos, e seu valor já desapareceu; os empregados estão atrazadissimos; a divida interna é immensa, a externa não é inferior, e alguns recursos que se podem obter são absorvidos para se acudir ás despesas do exercito, e para pagamento dos titulos da divida pública.

Desta sorte o descontentamento generalisa-se rapidamente, e todos receiam pelo futuro que cada vez se apresenta mais carregado e assustador, esperando a todo o instante ver surgir uma d'essas horribes tempestades que trazem apez d' si um gravissimo cataclismo politico e a ruina de um paiz.»

Sua Santidade mandou 255000 francos para serem divididos pelos operarios inglezes sem trabalho.

Recebeu no dia 30 de Dezembro a familia real de Napoles e o corpo diplomatico, achando-se já restabelecido de um emcommodo de saude que havia soffrido.

No dia primeiro de Janeiro deu a sua benção ao Imperador Napoleão e Imperatriz Eugenia e a toda a França.

O governo piemontez pensava dissolver algumas municipalidades de Napoles por causa da sua fraqueza perante os reaccionarios.

O cardeal Malhieu e o bispo Dupanloup são contados entre os candidatos á mitra archiepiscopal de Pariz que se acha vaga pela morte do cardeal Arcebispo Merlot.

A ultima conspiração descoberta na Polotia tinha ramificações na Prussia occidental, com o fim de fazer uma revolução no fim de Janeiro.

Na Grecia ha apuros financeiros e o governo ficou obrigado a prescindir do empréstimo por enquanto.

O que mais está preocupando os gregos é o systema de governo.

Terminou no dia 29 a discussão da resposta ao disurso do throno no senado hespanhol. A resposta co mo a elaborára a commissão foi approvada em votação nominal por 95 votos contra 53.

Noticias de *Shanghai* — cam data de 6 Novembro annunciam que os francezes e inglezes tomaram por assalto aos rebeldes a praça Hading na manhã de 25 de Outubro, matando entre os fugitivos um dos principaes chefes da rebelião, e fazendo mil prisioneiros. Os aliados apenas tiveram um morto e dous feridos.

REVISTA NOTICIOSA.

Theatro. — Está entre nós a companhia nacional de que faz parte a symphatica actriz Carlota Velloso, e o bem conhecido actor Rosa, e que veio tomar parte nos concertos, que aqui deu o sr. Gennaro Perrelli. Já no desempenho das comedias e dramas que foram á scena por essa occasião, a companhia confirmou o juizo antecipado que tinha-mos feito, de que é a melhor companhia que tem vindo a esta provincia e com especialidade ao nosso theatro.

Animamos os nossos briosos patricios, a que não deixem perder esta occasião de admirarem o talento artistico do sr. Rosa, e da sr.^a Carlota Velloso, e a que não deixem ir embora esta companhia, porque, talvez nunca mais tornem a ter tão boa oportunidade de passarem estas compridas noites d'inverno, e porque parece que d'uma cidade vizinha, á qual, não sabemos para que, *faz mal* ver esta terra ir-se erguendo da apathia em que tem jazido, principia já a jogar-se a intriga e a fazer-se toda a força, para que a companhia se retire.

Agradecimento. — Agradecemos ao noticiariista do «Vimaranense» o cuidado que teve em confirmar, no seu *desmentido*, os factos que apontamos no nosso numero antecedente, relativos á pilhagem, que por ali desenvolvem os *pobres malcreados*.

Leilão. — Teve lugar domingo 4 do corrente, no jardim de S. Domingos, leilão das prendas que foram offerecidas ao Menino Deus por occasião da festa do Natal.

Opusculo. — Recebemos, e agradecemos o folheto que recentemente foi publicado em Lisboa com o titulo — «A inercia de governo Pontificio» — É uma excellente contradita ás innumeraveis calumnias de que tem sido o governo da Santa Sé. Recomendamos aos nossos leitores a leitura d'este interessante folheto.

Operarios nas estradas. — O numero médio de operarios diariamente empregados nas estradas e outras obras publicas no reino, nas semanas findas em 6, 13, 20 e 27 de dezembro ultimo, não comprehendendo os operarios empregados nos caminhos de ferro de leste e de norte, foi de 16:308.

É notavel. — Num dos sabados passados deu-se nas proximidades d'esta cidade um caso notavel pelas circumstancias, que passamos a narrar.

Uma parenta do sr. abbade de Pinheiro, vindo para esta cidade a cavallo, deu no sitio dos Remedios na *estrada da noiva*, uma queda para um lado da estrada, na altura de 13 palmos, sendo para notar, que nem ella, nem a cavalgadura em que vinha montada, soffreram a mais minima contusão.

O povo, que em tudo acha o maravilhoso, diz que n'aquelle sitio anda o espirito das trevas, que já por mais vezes tem feito ali cabir os transeuntes, e aponta, como prova d'isto, huma boa porção de factos analogos.

Seja lá o que for, o que é certo é que a parenta do sr. abbade veio n'esse mesmo dia para esta cidade, onde andou, sem parecer, que lhe tivesse succedido o caso que deixamos referido.

Reciprocidade. — Nos passados numeros tem sahido errado o agradecimento do sr. Custodio José Ribeiro Guimarães lendo-se Custodio José Ribeiro Gomes. Apressamo-nos a fazer esta rectificação, como é do nosso dever.

Concertos. — Tivemos na semana passada entre nós o celebre pianista Genaro Perrelli, que deu no no. 1.º theatro dois concertos, com o concurso da companhia nacional, de que faz parte a sympathica actriz Carlota Velloso.

Genaro Perrelli é um consummado artista e o primeiro que no seu genero se fez ouvir n'esta cidade.

No primeiro concerto o sr. Perrelli tocou fantasias sobre as operas—Roberto do Diabo, Sonambula, e Trovador; e no segundo tocou tambem fantasias sobre a Favorita, Filha do regimento, e Scherso Pastoral (introdução, canto do pastor, Scherso, tempestade e final).

Em todo o que tocou o Sr Perrelli deu mostras da sua inexcedivel pericia, arrebatando os espectadores, e merecendo porisso estrepitosos bravos e palmas, e algumas chamadas.

Tarde tornaremos a ouvir um artista de tanto merecimento.

Districto de Braga. — E' este o titulo n'um novo periodico, que principiou a publicar-se em Braga, sahindo tres vezes por semana.

Damos as boas vindas ao novo collega, e desejamos-lhe longa vida.

Soltura. — Já se acha em liberdade, por ter terminado o prazo da sua pena, o sr. João Cesar Pinto Guimarães editor e proprietario do «Diario do Povo», que tinha sido victima da prepotencia do Sr. Ministro da Fazenda.

Damos-lhe os nossos parabens.

Bispo do Porto. — S.ex.º o sr. Bispo do Porto, foi para Lisboa tomar assento nas camara dos pares.

Se todos os prelados d'este reino tivessem feito o mesmo, talvez não tivessesmos a lamentar tantas exorbitancias de poderes, nem tanta oppressão á Igreja.

Leituras de Livros. — O sr. Antonio Bernardo Ferreira, do Porto, arrematou em globo por 4:700\$000, a excellente livraria do fallecido conselheiro José Joaquim Rodrigues de Pastos.

A livraria constava de 4:034 obras com 2:627 volumes.

Mover para casar. — Uma senhora de Pest que possuia uma casa em Vienna onde ia passar parte do anno, porque vivia sósinha com uma creada, enamorou-se de um rapaz d'aquella cidade com o qual ia ca-

sar, mas regressando a Pest para tractar de negocios, trayou ali conhecimento com um mancebo mais interessante que lhe offereceu mais vantajoso casamento. Para poder casar com elle fez-se passar por morta em Vienna.

O joven vienez recebeu a participação funebre e mostrou-a ao dono da casa que a dama habitava. Este deu parte á justiça, e esta apoderou-se de expolio da supposta finada, e quando a dama lhe escreveu para lhe reclamar a mobilia e o mais que deixara na casa o prometido marido protestou perante os tribunaes contra a tração que lhe havia sido feita, mostrando que tinha perdido outro casamento vantajoso por causa da enganadora dama, e a justiça julgou dever obrigar a dama a uma indemnisação.

O juizo de Salomão. — Num dos tribunaes de Paris corre um processo curioso, e é preciso para o julgar um novo Salomão. Tracta-se, como no tempo do grande rei, de uma creança reclamada por duas mulheres. O menino tem oito ou dez mezes. Confiado a uma ama de leite por uma creada que disse ser sua mãe, foi mais tarde reclamado por uma dama que reivindicava a mesma qualidade e os mesmos direitos. O negocio é muito intrincado porque as duas mulheres tiveram o seu bom successo ao mesmo tempo. Grandes interesses estão ligados a esta questão.

AGRADECIMENTOS.

Custodio José Ribeiro Guimarães e seu cunhado o conego Domingos da Conceição Carvalho e Silva, agradecem por este meio a todas as pessoas que os acompanharam nos seus sentimentos pela morte de seu filho e sobrinho o Rd.º Manoel Joaquim Ribeiro, protestando a todas as pessoas os seus reconhecimentos, e pedem desculpa de o não fazerem pessoalmente como desejavam. (16)

MANOEL Antonio da Costa Guimarães, Antonio José Ferreira Leão, José Maria Costa, e Manoel Joaquim da Cruz, não podendo, como desejavam, agradecer pessoalmente a todos os ill.ºs e ex.ºs srs. e sr.ºs que os obsequiavam com o prestimo dos seus serviços, por occasião da sempre chorada morte de sua esposa, filha, e cunhada D. Claudina Maxima Ferreira Leão da Costa, pedem desculpa de o fazerem por este modo, e protestam a todos a sua eterna e reconhecida gratidão. (20)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

MARIA MÃE DE CHRISTO

A gloria das mulheres Christãs

PELO PADRE SIMÃO

OBRA APPROVADA PELO EX.º BISPO DE S. DIÉ

Traduzido e Annotado pelo presbitero, José Vieira Caldas de Vasconcellos

COM LICENÇA DO EX.º SR. ARCEBISPO D'ESTA DIOCESE, E AO MESMO EX.º SR. DEDICADA

Dois volumes, cada um dos quaes contem 250 paginas em 8.º portuguez.

Vende-se n'esta cidade na rua do Gado n.º 18. P.e.o. 500 rs.

A CRUZ E A ESPADA.
NARRAÇÕES DA GUERRA DO ORIENTE

Campanhas de 1854 e 1855!

de 320 paginas, impresso em papel superiores.

Vende-se por 500 rs. na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 31, eno escriptorio da «Nação».

A REVOLUÇÃO

Dedicada aos mancebos (Por Mr. de Segur.)

E' um bello opusculo que sahio em folhetim no jornal «A Nação» e que acaba de ser publicado em separado.

Forma um livro de 180 pag. Preço 200 rs.

Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 31, e no escriptorio da «Nação».

ARQUIVO JURIDICO.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESES TANTO ANTIGA COMO MODERNA EDITOR — J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 16 da 2.ª serie que contém:

Legislação sobre fóros, censos e pensões, etc. etc. desde a sua extincção em 1832

Decreto de 13 de agosto de 1862 sobre registo de minas.

Portaria de 19 de agosto, dando diversos esclarecimentos aos arrematantes de bens ecclesiasticos.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bom-jardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do *Archivo Juridico*.

O numero 17 conterá além das noticias judiciais do mez de Dezembro, Legislação sobre novos pesos e medidas e o decreto de 18 de julho de 1855, que supprimiu os juizes ordinarios nas cabeças de comarca.

ANNUNCIOS.

Os devotos que quizerem concorrer para o monumento que se prejecta levantar no alto do monte Espinho, com a indicação que já foi annunciado por cartas podem dirigir-se a casa do ill.º sr. João de Castro S. Paio na praça do Toural, que está auctorisado para receber quaesquer donativos que para tão justo fim lhe quizerem entregar.

HA para vender um oratorio de aprimorado gosto, de intalha dourada, com um magnifico crucifixo de marfim em cruz de pão preto guarnecida a prata, proprio tambem para missa, e para decoraçao de qualquer sacristia ou enfermaria de qualquer estabelecimento de caridade. Quem o pertender falle na administração d'este jornal. (11)

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — Por 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Anuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serao annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.